

RAÍZES E ASAS PARA AS IMAGENS

Dois desafios na institucionalização da Antropologia visual

Etienne Samain - 2014

Devemos falar de antropologia visual desde que seja para constitui-la qualitativamente.

Não é preciso procurar convencer aqueles que não suportam as imagens ou, simplesmente, as recusam. São, muitas vezes, amantes do texto que se acostumaram a disciplinar o discurso sobre os homens na lógica da escrita. Falam dos seres vivos, é verdade, os descrevem, sem ousar mostra-los.

Eles têm razão de acreditar na necessidade e na eficaz do discurso verbal. Partilho suas convicções. Tornam-se, todavia, péssimos apóstolos da escrita (esta, fundamentalmente uma figura composta por traços que somente podem emergir a partir de outra imagem, - a página branca - sobre a qual os signos vão se alinhando), quando confinam as imagens em anexos, em apêndices, nas dependências e nos bastidores de um teatro de sombras, reduzindo-as a papéis de auxiliares que servem de ilustrações, de amostras documentais, de justificativas ao discurso que elas vêm caucionar.

A problemática de fundação de uma antropologia visual, hoje, vai bem além dessas relutâncias e recusas que acompanham as turbulências e os medos de entrar no século XXI. A antropologia, com efeito, participa de uma virada cognitiva e comunicacional de tamanho planetário e a chamada “civilização das imagens” levanta, deste modo, outros sérios desafios. Não se trata mais de conceber as imagens como se fossem cerejas, enfeites sobre o bolo do saber. É questão, daqui para frente, de tomar consciência e de procurar entender como os homens continuam a pensar, a comunicar-se, a organizar-se em sociedades através de novos dispositivos audiovisuais, que obedecem a outras gramáticas, a outras modalidades lógicas, a outros códigos e sistemas de pensamento. Face ao dilúvio de imagens, boas (e ruins), que, ao mesmo tempo, nos provocam, nos moldam como podem nos iludir até à cegueira, os antropólogos, entre outros, têm que redescobrir, ao lado da escrita, tanto as singularidades como os limites de um conhecimento por imagens, tanto as exigências de suas representações como a relevância e a pertinência de seus usos.

Dois imperativos para não perder outro(s) tempo (s)

Sabemos que a antropologia nasceu paralelamente à descoberta da fotografia, nos meados do século XIX. A “antropologia visual”, dessa forma, existia bem antes que recebesse essa apelação, uma etiqueta recente, alias discutível.

O quase bicentenário desse duplo nascimento deveria merecer nossa atenção.

De um lado, seria de bom tom, não querer reinventar a roda e, sim, aperfeiçoá-la. O que significa que se quisermos pensar por imagens, seria proveitoso senão necessário fazer a história dos usos e experimentos com imagens, realizados por antropólogos que nos precederam. Podemos citar Boas, Malinowski, Margaret Mead, Gregory Bateson e tantos outros, os quais não precisam de monumentos, mas merecem muito mais que nossas meras citações. Cada um nos convida a mergulhar e a descobrir, nos seus sofisticados

laboratórios de utilização e de montagens de imagens, suas preocupações, seus achados, seus erros e seus fantasmas.

De outro, devemos engajar um diálogo mais consistente entre categorias profissionais complementares, já que a antropologia visual representa o cruzamento claro entre Antropologia e Fotografia (e, desde então, evidentemente, as maquinarias audiovisuais e as tecnologias digitais). Ambas as áreas participam de uma necessidade comum: a de observar as culturas e os homens que a fazem. Nesta perspectiva, o “olhar antropológico” e o “olhar fotográfico” hão de aprender a conjugar melhor dois imperativos próprios à única antropologia visual: “aprender a ver” e “saber pensar e fazer pensar em imagens”. O que remete ainda a outras tarefas. É necessário estudar e pensar as imagens nas suas singularidades e complementaridades, saber o que elas são, o que elas podem ou que não podem fazer nos campos das ciências humanas. É necessário aprender a manejar as máquinas de imagens, a descobrir até onde as potencialidades tecnológicas permitiriam desvendar (mediante manipulações laboratoriais das imagens) domínios de difícil exploração no campo dos fenômenos culturais. De maneira mais elementar e tratando-se de registro de imagens em movimento, vale lembrar-se da necessidade de um registro sonoro de qualidade e de uma filmagem sem tremores e sem duração excessiva. É preciso renunciar à tentação de querer dizer tudo como é salutar saber reconhecer que algo não deu certo

Dar raízes e asas às imagens

Não basta produzir imagens, acumular imagens. Não se constrói uma ciência somente a partir de simples representações imagéticas. Sem nunca desprezar a palavra, cúmplice da imagem, é necessário, sobretudo saber problematizar visualmente, isto é, se perguntar - com relação a um determinado objeto de estudo - de que modo singular tratá-lo sob o regime das imagens. Perceber-se-á logo que tudo o que é visível não é necessariamente apropriado a um registro visual. Mas se poderá descobrir também que se a antropologia visual é o registro de fatos e de atos dos homens, ela é convocada a outras interiorizações, a outros desdobramentos. Ela deve ser, com os fatos, depoimentos e eventos que revela e procura entender, um espaço de interpelações e de questionamentos. Deve ser para quem a faz e para quem a receberá um campo de memórias reavivadas e de horizontes já entreabertos. A antropologia visual para ser fecunda deve ser uma insistente questão capaz de conectar a memória dos homens, o presente dos homens e o destino dos homens.

Dar raízes e asas às imagens tem algo a ver com o sério compromisso do equilibrista. A arte do equilibrista é sempre arriscada. Ele deve esticar seu fio entre dois mundos e avançar. Ele sabe que nunca conseguirá alcançar os céus. Sabe que, se cair, não será poupado. Ele tem que andar entre dois universos, confiante, solitário e solidário, sobre um simples fio de aço.